



**X Fórum
Nacional
NEPEG**

**de Formação
de Professores
de Geografia**

percursos teórico-metodológicos e práticos da Geografia Escolar

**APRENDENDO E ENSINANDO GEOGRAFIA:
CONSIDERAÇÕES ACERCA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM
GEOGRAFIA E A TROCA DE CONHECIMENTOS ENTRE
PROFESSORES ESTAGIÁRIOS E ALUNOS**

Rafael Ribeiro dos Santos¹
Universidade Estadual de Goiás - UEG
rafaelribeiro.geografia@gmail.com

Loçandra Borges de Moraes²
Universidade Estadual de Goiás - UEG
locandrab@yahoo.com.br

Resumo: Esse artigo é resultado das reflexões que foram desencadeadas, fomentadas, discutidas e refletidas durante a experiência do estágio supervisionado em Geografia nos anos de 2018 (Ensino Fundamental II) e 2019 (Ensino Médio). Desse modo, ele é fruto de uma análise qualitativa, centrada no método de observação que se deu durante os estágios realizados em diferentes turmas, bem como em uma revisão bibliográfica na intenção de fomentar e amparar as discussões que aqui são levantadas. Nesse sentido, o objetivo central desse trabalho é de analisar, a partir do estágio supervisionado em Geografia, como ocorrem às trocas de conhecimentos/saberes entre os professores estagiários e os alunos, ou seja, como as relações se dão entre essas duas partes constitutivas e essenciais durante o estágio. Para isso, busca-se inicialmente contextualizar a questão do estágio supervisionado em Geografia, enfatizando as suas potencialidades no e para o ambiente escolar. Posteriormente, são descritas as singularidades da relação professor estagiário e alunos, ênfase nas aprendizagens geográficas que são consolidadas, seja de forma direta ou indireta, e os saberes experienciais partilhados. Assim, entende-se que os diálogos e as trocas entre os estagiários e seus alunos agem como fator central na composição de uma linha de ensino e aprendizagem em que se

¹ Mestrando em Ciências Sociais e Humanidades pelo Programa de Pós-Graduação em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado (PPG-TECCER). Graduado em Geografia pela Universidade Estadual de Goiás (UEG), Unidade Universitária Anápolis de Ciências Socioeconômicas e Humanas (UnUCSEH).

² Doutora em Geografia pela Universidade de São Paulo (USP); docente, pesquisadora e coordenadora setorial do curso de Geografia da Universidade Estadual de Goiás (UEG), Unidade Universitária Anápolis de Ciências Socioeconômicas e Humanas (UnUCSEH).

valorizam as particularidades, as vivências, sentidos e percepções geográficas dos sujeitos, subsidiando uma linha de raciocínio espacial significativa.

Palavras-chave: estágio supervisionado; Geografia; Professores Estagiários; Ambiente Escolar.

INTRODUÇÃO

O estágio supervisionado se insere como uma etapa fundamental nos cursos de formação inicial de professores, é o momento em que os estagiários tem a oportunidade de poder vivenciar, mesmo que de forma regulada/supervisionada, a sua profissão. Isso porque o estágio na formação de professores, bem como em outras áreas do conhecimento, parte de uma situação em que o aluno/estagiário se encontra sob orientação do professor formador da instituição de ensino, bem como de um docente supervisor, nesse caso, da escola-campo, além das normativas que regem essa fase. Contudo, é nesse ambiente de atuação, de diferentes frentes de controle, que o estagiário terá a oportunidade de vivenciar, mesmo que por pouco tempo e, de forma (in)direta, a sua profissão, bem como desenvolver uma vasta gama de possibilidades de aprendizagem e experiências iniciais.

Conforme Khaoule (2018), o estágio é um momento particular do processo formativo do professor, sobretudo por suas especificidades, pois é nessa fase em que é possível ter o contato com o espaço profissional, estabelecer uma leitura das relações que se dão dentro e fora dessa estrutura. Isto é, um entendimento acerca das dimensões de ensino e pedagógica do ambiente escolar, assim como da dinâmica representativa e de valores (culturais e éticos) que esse espaço estabelece socialmente. Configura-se como uma “[...] preparação profissional de humanização e qualificação ao fim que se destina, possibilitando ao estagiário vivenciar e refletir acerca da prática docente” (SANTOS, 2012, p. 190). Tal consideração justifica o fato do estágio ser uma atividade de caráter formativo e supervisionada. Formativa por ser um momento que promove uma reflexão e discussão acentuada daquilo que é a profissão, e supervisionada, de modo que esse embaraço conceitual proeminente, bem como os aspectos práticos, se dê de forma pontual, sistematizada.

Nesse sentido, Santos (2012, p. 191) corrobora ao dizer que “o estágio supervisionado configura uma situação em que cada sujeito tem um papel, ao mesmo tempo em que define uma relação pautada pela orientação relacional entre todos os envolvidos”. Ou

seja, o estágio é, para além de uma atividade de apreensão prática da profissão docente, um exercício coletivo de trocas simbólicas e concretas entre os envolvidos, o que então (re)define a função de cada um. É nesse contexto relacional que surge o questionamento que norteia a reflexão desse trabalho: como se dá a troca de conhecimentos entre professores estagiários e alunos, no âmbito do estágio supervisionado em Geografia? Assim, o texto busca retratar questões que permeiam o cotidiano escolar, aspectos concretos e subjetivos que são apontados/trazidos pelos alunos, e assim compartilhados em sala de aula. Trata-se de vivências e particularidades que são expressas dentro de um contexto e que, por vezes, são desconsideradas, tratadas como exemplos distantes e que expressam pouca ou nenhuma contribuição as aulas.

Todavia, ao considerar a Geografia como uma ciência que busca desencadear a reflexão, o pensamento crítico acerca do espaço, e das ações que ocorrem e são empreendidas nele, percebe-se uma necessidade do professor dar atenção às singularidades expressas pelos alunos a partir de sua experiência diária. Para, além disso, uma atenção dos professores estagiários a essas questões, principalmente por ser o estágio a fase em que eles passam a compor e configurar a sua prática docente. Portanto, dar atenção a esses aspectos significa considerar os seus alunos como sujeitos do processo, desde a sua experiência primária no campo da docência. Isso quer dizer que é preciso dar protagonismo aos discentes e dialogar com eles, promover um ensino que transcenda a ótica do ensinar e aprender, mas que seja um momento que, antes de qualquer coisa, se possa aprender, para depois ensinar, uma vez que os alunos trazem consigo um universo de possibilidades e de conhecimentos amplamente significativos.

Diante disso, a pesquisa empreendida tem como aspectos metodológicos a realização de um levantamento bibliográfico sobre o tema, e a observação realizada no período do estágio supervisionado em Geografia. A discussão se orienta a partir de uma análise de cunho qualitativo, no intuito de verificar como o fenômeno ocorre, assim como a forma que ele se expressa e é abstraído, repercutido e reproduzido pelos agentes intrínsecos do processo. O objetivo não é realizar, necessariamente, uma comprovação de ideias levantadas previamente, pois nesse tipo de pesquisa a finalidade do pesquisador é compreender o seu objeto de estudo em suas múltiplas dimensões de análise, o que o leva, em alguns casos, para análises múltiplas (MENEZES; KAERCHER, 2017). Desse modo, conforme os autores supracitados,

a revisão bibliográfica realizada de antemão não deve sugerir possíveis conclusões do autor acerca da temática, mas promover uma abertura e embasamento para a análise do fenômeno investigado.

No que se refere ao método para a coleta de dados, utilizou-se a observação para o levantamento de informações em relação à análise desenvolvida. Para Menezes e Kaercher (2017, p. 272)

A vantagem da observação em comparação às outras técnicas consiste no fato de que os fenômenos são percebidos e captados diretamente, sem intermediação. Por outro lado, a presença do observador pode provocar algumas modificações no comportamento dos sujeitos observados, afetando a espontaneidade dos mesmos. Cabe ao pesquisador atentar para as interferências que sua presença pode provocar na maneira de agir dos sujeitos observados e, assim, comprometer a sua pesquisa.

É preciso destacar então que, embora a observação seja uma técnica que oferta-nos uma série de possibilidades em relação à pesquisa, se deve tomar cuidados durante a realização dessa etapa. Afinal, a ausência de neutralidade do pesquisador durante o processo pode influir, diretamente, nos resultados, seja em função do comportamento que os sujeitos podem desempenhar durante a observação, ou mesmo na forma como o pesquisador realiza a sua análise das informações coletadas. Nesse contexto, a pesquisa se pauta nas observações e percepções do pesquisador durante a realização do estágio supervisionado em Geografia, que se deu nos anos de 2018 e 2019. Os resultados são uma mescla dos períodos de observação, semirregência e regência do estágio, o que produziu elementos suficientes para a discussão aqui descrita. Desse modo, foi estabelecido os aspectos que norteiam a discussão que se segue.

O estágio supervisionado em Geografia: uma breve contextualização

O estágio supervisionado em Geografia compreende o período da formação inicial dos docentes em que esses passam pela experiência prática de vivenciar o ambiente escolar em sua complexidade, normalmente, ele se insere nos anos finais do curso de licenciatura. Assim, nessa fase formativa os estagiários têm a oportunidade de contribuir, de acordo com seus conhecimentos, no processo de ensino-aprendizagem de crianças, jovens e adultos, em especial durante a etapa em que assumem a regência de uma determinada turma. Dada à

inserção do estagiário na escola, isso deve contribuir na promoção de um entendimento em relação à profissão docente, especialmente na compreensão de que essa atuação é orientada, continuamente, pela reflexão e pela ação em um processo contínuo, na intenção de fazer com que o professor possa se reinventar diante das transformações inerentes ao ambiente escolar (SANTOS, 2012).

Cabe ressaltar que o estágio na formação docente “[...] é um campo de conhecimento, é uma atitude investigativa, uma pesquisa” (CACETE, 2015, p. 6), ou seja, um momento singular para os acadêmicos, uma fase de descobertas e desafios. Nesse contexto, é necessário enfatizar que ninguém nasce professor, mas sim se torna professor, e para isso é preciso de uma formação, uma capacitação que dê condições para uma atuação em sala de aula. Contudo, entende-se que, embora não tenha como “nascer professor”, se deve ter em mente que os acadêmicos, quando ingressam em uma licenciatura, eles trazem consigo ideias prévias, representações da docência que são construídos por meio de suas experiências anteriores como alunos da Educação Básica (MARTINS; TONINI, 2016). Desse modo, os acadêmicos já possuem uma noção básica da profissão docente, o que faz com que eles já deem indícios de sua futura prática docente, principalmente por meio de atitudes que foram inspiradoras ou não por meio de professores.

Para tanto, Cacete (2015, p. 6) afirma que é através dessa ideia que os estagiários “[...] vão para a escola não para praticar, os alunos vão para a escola com o objetivo de compreender e se apropriar da complexidade das práticas institucionais e das ações dos profissionais; os alunos vão para a escola para compreender a escola, para se apropriar da escola”. Por essa concepção da escola como um ambiente de pesquisa e reflexão, é que, ainda de acordo com a autora citada, o estágio é compreendido como um período de instrumentalização. Ou seja, é uma fase em que os estagiários têm a oportunidade de conhecer com maior proximidade seu futuro local de trabalho, de desenvolver as suas primeiras reflexões sobre a docência, de dar início à sua prática docente. Afinal, instrumentalizar é construir, subsidiar, é desencadear meios para uma atuação, nesse caso a docência, propiciar uma reflexão; diferentemente da ideia de instrumentar, o que significa prover de ferramentas de trabalho para atuar em algo, possuir um meio concreto a se seguir sem que haja um pensamento acerca do que fazer e como fazer.

No caso do estágio supervisionado em Geografia, esse deve sim ser um período para uma instrumentalização. Isso porque diante da dinâmica da ciência geográfica, da sua dimensão de abstração e reflexão do espaço e das interações que ocorrem em seu interior, apenas se amparar em caminhos (uma espécie de receituário de atividades), isso não será o suficiente para uma futura atuação docente. O professor de Geografia carece de uma formação, especialmente durante o estágio, que lhe faça desenvolver um senso reflexivo acerca da pluralidade existente na sala de aula, isso de modo com que ele desenvolva suas aulas e se ampare em metodologias específicas, de modo que atenda as especificidades de cada grupo de alunos. É pensando essa questão que, promover uma interação com os alunos em sala de aula, com vistas para uma educação geográfica³, dialogar e fazer com que eles interajam com a aula, pode propiciar um conhecimento com maior significado.

Desse modo, ao tratar do professor de Geografia, não estamos fazendo uma restrição a somente aqueles que já possuem uma formação na área, pelo contrário, referimo-nos aos que já se inseriram no contexto formativo, ou seja, os estagiários também se encontram no centro dessa discussão. Afinal, é no estágio que os acadêmicos têm que buscar realizar a sua inserção no contexto escolar, no professorado, pois esse é o pontapé para a atuação docente futura. Portanto, concordamos com Martins e Tonini (2016, p. 103), na medida em que elas afirmam que o estágio é

[...] um espaço para vivenciar experiências e vencer as barreiras instaladas no cotidiano desta prática. É o momento em que o estagiário é desafiado a lidar, tanto com os conteúdos específicos a serem ensinados, quanto com a forma de ensiná-los, com a finalidade de melhor exercer a possível docência [...].

Com isso, observa-se o estágio supervisionado, em particular o de Geografia, como uma fase em que os acadêmicos são desafiados a vencerem barreiras, a superarem seus limites, suas resistências. Portanto, ainda de acordo com Martins e Tonini (2016, p. 103) “a vivência na escola, através do estágio, permite que se construam os saberes da experiência e se desconstruam os preconceitos acerca da docência [...]”, os quais são produto de diferentes discursos estabelecidos socialmente sem que haja um real conhecimento prático acerca da função, ideias oriundas do senso comum. Assim, a realização do estágio é a experiência mais

³ Trata-se de uma forma de ensinar que esteja ancorada nos aspectos da Geografia, isto é, promover uma relação do conhecimento geográfico com o cotidiano, tornando a Geografia próxima, evidenciando-a no dia-a-dia dos alunos, em suas múltiplas espacialidades de vivência e percepção.

clara, ainda durante a formação inicial de professores, sobre o que é, e como se dá a atividade docente no seio das escolas, no âmbito social, na sala de aula. E nesse sentido, que se faz necessário dar relevância ao estabelecimento das relações no ambiente escolar, especialmente na sala de aula, bem como os desdobramentos dessas.

Estágio, um momento de trocas singulares entre professores estagiários e alunos

Conforme Martins e Tonini (2016, p. 105)

Compreender que saberes são mobilizados e produzidos no espaço do estágio supervisionado em Geografia é penetrar em territórios existenciais, em representações e significados construídos sobre iniciação à docência, que são tecidas por práticas e histórias de vida de cada sujeito envolvido neste processo. São experiências construídas por uma história singular, percebida em cada narrativa que representa a realidade vivida de cada um que está envolvido na construção do seu percurso formativo.

Diante do exposto, entende-se que o estágio supervisionado se apresenta como uma fase formativa de grade densidade, um período marcado por experiências daqueles que atuam nesse processo, sejam professores formadores (instituição de ensino), estagiários ou professores supervisores (escola-campo). Afinal, o estágio é, antes de uma atividade prática da formação de professores, ou mesmo um momento de reflexão por parte dos estagiários diante do seu contexto formativo, ele se mostra como um período de trocas, de relações que são estabelecidas no interior das escolas.

A atividade docente deve buscar, segundo Oliveira e Silva (2017), possibilitar uma humanização no/do processo de ensino-aprendizagem, com vistas para uma perspectiva de formação emancipatória, promovendo um conhecimento que seja mediado, para que assim ele possa ser mais significativo. Esse talvez seja um dos grandes desafios da docência, um desafio que já se inicia durante o estágio supervisionado e que permeia toda a atuação profissional docente. Contudo, é algo que o sujeito, enquanto professor, deve buscar realizar em sala de aula, é mais que uma prerrogativa para o docente, se torna quase que um dever, é preciso que os alunos da educação básica façam parte do seu processo de aprendizagem, que eles tenham voz.

Para Oliveira e Silva (2017, p. 62), é indiscutível o fato de que o professor conheça o espaço escolar, principalmente o “[...] professor de Geografia, pela especificidade da ciência

geográfica, torna-se necessário que a compreensão da escola se dê pela leitura espacial, ou seja, entendendo-a como espaço geográfico”. Nesse sentido, corroboramos com os autores e acrescentamos, é necessário que o professor de Geografia busque conhecer não só o espaço escolar em suas múltiplas dimensões e formas, mas buscar compreender, de modo específico, o espaço da sala de aula, os sujeitos que dão movimento e vida a esse ambiente, trata-se de conhecer o espaço geográfico que os seus alunos vivenciam e comungam.

Nesse sentido, torna-se nítido o conjunto de conhecimentos que a função de professor exige do indivíduo, principalmente do professor de Geografia, não basta apenas ter o domínio do conteúdo em sala de aula, ou da forma como disciplinar os alunos, é preciso que se tenham conhecimentos pedagógicos. De acordo com Pimentel (2010), em pesquisa desenvolvida com estagiários a fim de verificar como se dá a construção da profissionalidade docente, alguns conhecimentos são basilares para uma boa atuação em sala de aula, tais como os de conteúdo, pedagógicos do conteúdo e profissionais. Assim, é possível compreender que a docência é uma profissão relacional e de grande complexidade, seja no âmbito da integração entre os conhecimentos que lhes são inerentes, ou mesmo das relações entre suas partes constitutivas (PLACCO, 2003).

Destarte, enfatiza-se que

[...] a formação do sujeito se dá no seio da cultura, em parcerias em presença do outro. O que isso significa? Se, por um lado isso se traduz por uma articulação de saberes, por uma troca, que mobiliza e permeia os processos cognitivos, por outro lado também significa considerar que cada um, nessa interação, expõe seus pensamentos, seus modos de interpretar a realidade, suas perspectivas e ação e reação, seus motivos e intenções, seus desejos e expectativa – seus afetos, enfim (PLACCO, 2003, p. 99).

Nesse sentido, é inegável a relevância das trocas, dos diálogos que são estabelecidos dentro de sala de aula entre professores e alunos. Esse tipo de prática deve ser promovido já no período do estágio supervisionado, no intuito de estabelecer uma linha de raciocínio, isto é, de ensino-aprendizagem que busque a partir das relações e das experiências dos alunos a promoção de uma leitura espacial/geográfica que vá ao encontro das realidades vividas e

partilhadas dos alunos⁴. Trata-se de um momento de partilha, de trocas de experiências entre os professores e alunos, uma integração entre as partes, o que pode, de maneira significativa, potencializar o ensino em sala de aula.

Desse modo, as representações dos alunos, sobretudo em função das relações que são estabelecidas em sala de aula entre os sujeitos, foram observadas durante a realização do estágio supervisionado em Geografia. Cabe ressaltar que o estágio supervisionado do curso de Geografia da Unidade Universitária Anápolis de Ciências Socioeconômicas e Humanas (UnUCSEH) da Universidade Estadual de Goiás (UEG) é dividido em quatro etapas (estágios I, II, III e IV), desenvolvidas ao longo de dois anos. Ambos os estágios, tanto o desenvolvido no Ensino Fundamental II (EF-II), quanto o do Ensino Médio (EM), foram realizados em uma escola da Rede Estadual de Educação de Goiás da cidade de Anápolis, situada na porção norte da cidade.

Assim, as fases I e II do estágio se deram em turmas de 6º, 7º e 8º ano do Ensino Fundamental II, onde foram realizadas a etapa de observação, contudo, em relação as etapas de semirregência e regência, essas ocorreram, exclusivamente, em uma turma do 8º ano. Já no que dizem respeito às fases III e IV do estágio, essas se desenvolveram em turmas do 1º, 2º e 3º período do Novo Ensino Médio⁵ (etapa de observação), que visto a partir da configuração do Ensino Médio regular, equivale a 1ª e 2ª série. Quanto às etapas de semirregência e regência, essas se deram na turma do 2º período. Sobre os conteúdos que foram ministrados ao longo dos dois anos de estágio, podemos destacar os impactos ambientais (EF) e região e regionalização (EM).

A atuação no estágio foi de fundamental importância para verificar, a partir da experiência vivida, que na medida em que os professores ou estagiários estabelecem relações com seus alunos, no âmbito escolar, os ganhos que são gerados as aulas aumentam circunstancialmente. Pois, conforme Cavalcanti (2010, p. 48, grifo da autora) “o aluno é sujeito ativo que entra no processo de ensino e aprendizagem com sua “bagagem” intelectual,

⁴ Ao partir da reflexão do raciocínio espacial como forma de desenvolver as habilidades/atividades cognitivas dos alunos, amparamo-nos em Cavalcanti (2010). Para a autora “uma das formas de contribuir para o desenvolvimento do raciocínio espacial é a formação de conceitos. No entanto, é preciso considerar que os conceitos não são “ensinados”, eles não se formam nos alunos pela transferência direta de conteúdos e por sua reprodução, como está suposto em propostas mais tradicionais de ensino. Trata-se de processos de construção de instrumentos simbólicos que ajudam na relação do sujeito com o mundo, operando mediações entre as representações cotidianas desse sujeito e a realidade objetiva” (CAVALCANTI, 2010, p. 48, grifo da autora).

⁵ Nome atribuído ao Ensino Médio no processo de transição em função das reformas curriculares.

afetiva e social, e é com essa bagagem que ele conta para seguir no seu processo de construção [do conhecimento]”. É por meio das interações sociais, as quais são de grande importância, principalmente no ambiente escolar, que os professores de Geografia (efetivos e estagiários) poderão ter a possibilidade de buscar exercer uma das prerrogativas da ciência geográfica, a de um ensino consciente e reflexivo, que busque exercitar o senso crítico dos sujeitos e desenvolver a sua capacidade analítica do espaço.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Discorrer acerca do estágio supervisionado em Geografia, assim como sobre o estágio em si, em sua dimensão ampla, é uma tarefa que requer atenção e que não é fácil de executar, afinal, por mais que se busque um distanciamento entre o pesquisador e o objeto da pesquisa, em determinado momento eles acabam estabelecendo uma relação direta. Portanto, falar sobre a formação de professores, enfatizando a fase do estágio é, sem sombra de dúvidas, um desafio, mas um desafio bonito, que nos leva a refletir sobre uma profissão nobre e que merece grande valor. Além do mais, o estágio é um momento propício para a construção docente, portanto, é de grande importância que o estagiário partilhe de uma relação próxima ao ambiente escolar, com vistas para os aprendizados que são oriundos desse lugar e que são fundamentais para a sua atuação futura como professor.

Desse modo, o relacionamento interpessoal, as trocas que são estabelecidas durante o período do estágio são de grande relevância para a docência, especialmente por ser o período em que o sujeito começa a desenvolver a sua prática docente. Sobre as trocas que ocorrem no ambiente escolar, principalmente durante a fase do estágio supervisionado, Placco (2003, p. 100) afirma que a partir delas “[...] mudanças são engendradas, no nível da consciência, das atitudes, habilidades e valores da pessoa, assim como no grau e amplitude de seu conhecimento e do trato como esse conhecimento, com a cultura, e assim processos identitários se constroem”. Ou seja, as relações que são desenvolvidas em sala de aula, são interações que marcam e contribuem para o processo de formação das crianças, jovens e adultos, por isso elas são de grande relevância, desde que sejam desenvolvidas com o foco de contribuir com o ensino e aprendizagem.

REFERÊNCIAS

- CACETE, Núria Hanglei. Formação do professor de Geografia: sobre práticas de ensino e estágio supervisionado. **Revista Casa da Geografia de Sobral**, Sobral, v. 17, n. 2, p. 3-11, jul., 2015. Disponível em: <http://rcgs.uvanet.br/index.php/RCGS/article/view/240>. Acesso em: 20 jan. 2020.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. **A Geografia escolar e a cidade**: ensaios sobre o ensino de Geografia para a vida urbana cotidiana. Campinas: Papirus Editora, 2010.
- KHAOULE, Anna Maria Kovacs. O estágio docente de Geografia sob as luzes do conhecimento disciplinar pedagógico. *In*: FÓRUM NACIONAL NEPEG DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA, 9, 2018, Caldas Novas. **Anais [...]**. Caldas Novas, p. 642-649, 2018. Disponível em: http://nepeg.com/newnepeg/wp-content/uploads/2017/02/GT5_05_O-est%C3%A1gio-docentede-Geografia-sob-as-luzes-do-conhecimento-disciplinar-e-pedag%C3%B3gico1.pdf. Acesso em: 20 jan. 2020.
- MARTINS, Rosa Elisabete Militz Wypczynski; TONINI, Ivaine Maria. A importância do estágio supervisionado em Geografia na construção do saber/fazer docente. **Geografia Ensino e Pesquisa**, Santa Maria, v. 20, n. 3, p. 98-106, set./dez., 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/geografia/article/view/21000>. Acesso em: 20 jan. 2020.
- MENEZES, Victória Sabbado; KAERCHER, Nestor André. Trajetórias metodológicas de uma pesquisa em ensino de Geografia: uma análise das concepções teóricas e da epistemologia da prática do professor de Geografia. *In*: PESSÔA, Vera Lúcia Salazar; RUCKERT, Aldomar Arnaldo; RAMIRES, Júlio Cesar de. (orgs.). **Pesquisa qualitativa: aplicações em Geografia**. Porto Alegre: Imprensa livre, 2017, p. 262-286. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/172820>. Acesso em: 28 jan. 2020.
- OLIVEIRA, Suzana Ribeiro Lima; SILVA, Alexsander Batista e. Docência em Geografia: alguns elementos acerca do processo de formação. *In*: ALVES, Adriana Olivia; KHAOULE, Anna Maria Kovacs. **A Geografia no cenário das políticas públicas educacionais**. Goiânia: C&A – Alfa & Comunicação, 2017, p. 57-72.
- PIMENTEL, Carla Silvia. **Aprender a ensinar**: a construção da profissionalidade docente nas atividades de estágio em Geografia. 2010. Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <http://disde.minedu.gov.pe/handle/123456789/1766>. Acesso em: 20 jan. 2020.
- PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza. Psicologia da educação e prática docente: relações pessoais e pedagógicas em sala de aula?. *In*: TIBALLI, Elianda Figueiredo Arantes; CHAVES, Sandramara Matias (orgs.). **Concepções e práticas em formação de professores: diferentes olhares**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 95-104.
- SANTOS, Maria Francineila Pinheiro dos. Estágio supervisionado em Geografia: discursos e práticas. *In*: CASTELLAR, Sonia Maria Vanzella; CAVALCANTI, Lana de Souza; CALLAI, Helena Copetti (orgs.). **Didática da Geografia: aportes teóricos e metodológicos**. São Paulo: Xamã, 2012, p. 189-198.